

O ANO DA FOME

Naquele tempo, durante os longos serões de Inverno, na velha casa pobre, apertadinha e de soalho esburacado - o Avô falava do Ano da Fome.

Chegavam os vizinhos depois da ceia, pelo escuro da noite, as mulheres embiocadas nos xailes de lã grossa, os homens de barretes enfiados até às orelhas, e saudavam:

- Boa noite! E haja saúde!

Uma onda de frio entrava pela porta entreaberta e os de casa respondiam:

- Boa noite! Haja saúde! É entrar! Entrar e sentar!

Na esteira aberta no chão da cozinha, cruzavam as mulheres as pernas debaixo das saias avantajadas, estendiam os homens as suas, esfregavam um no outro os pés que tiravam das albarcas.

No meio da esteira ardia a chama da candeia ferrugenta, suspensa do negro mancebo de cedro antigo, no lar morrinhava o borralho de brasas de fãia - e um calor morno e adocicado se insinuava através das roupas húmidas nos corpos arrepiados.

Rapazes e raparigas bailavam e cantavam ao toque da viola, que melhor do que ninguém tocava o pai de Francisco Marroco - e o serão crescia pela noite dentro.

As mulheres fiavam, cardavam, faziam meia, remendavam. Os homens falavam, com vozes pausadas, cigarro de tabaco da terra picado,

amortalhado em casca de milho, no canto da boca e barba por fazer. As crianças cirandavam, numa brincadeira constante, enquanto se não aninhavam, enfim cansadas, no caranço dos colos maternos. Olhavam então as caras sérias das mulheres, ouviam os harpejos da viola, as cantigas dos rapazes e das raparigas, as falas dos homens.

Francisco Marroco era pequenino, mas lembra-se... Os homens falavam. Vagamente, muito de longe em longe, falavam de abalos de terra, muito mais vagamente e muito mais de longe em longe, falavam do fogo, lendário talvez, que teria outrora rebentado das pedras negras da Ilha. E dolorosamente, muito dolorosamente, não havia noite em que não falassem das dificuldades e desgraças por eles próprios vividas: dos constantes e incertos trabalhos da terra, das desgraças do mar, de tal ano de seca, tal ano de ciclone... E o Avô, com suas falas trémulas, seus cabelos brancos, seus olhos tristes, mais uma vez começava:

- Quando eu era rapaz, houve o Ano da Fome... (Deixava de se ouvir a viola tocando, as vozes cantando, os homens falando, e as mulheres paravam de fiar, paravam de cardar e remendar.)

... Um ano antes - ia o Avô contando -, num dos últimos dias de Agosto, viera um ciclone. O povo correu à igreja, ajoelhou diante das imagens dos santos e da coroa do Divino Espírito Santo - porém, o mar não cessou de investir contra os rochedos da Ilha, meteu-se pela terra dentro, engoliu vinhedos e cerrados de pão. O vento varreu a Ilha de ponta a ponta, derrubou paredes, arrancou tectos, desenraizou árvores, milhos, batatas-doces. Deixou os campos lambidos, nem que por eles tivesse passado o fogo. Desamparadas do Céu e do Mundo preparavam-se as gentes para a sobrevivência custosa, confiantes no peixe do mar, nos animais salvos da borrasca, no milho que lhes restava em casa.

- Vocês sabem como é - dizia o Avô. - Se vem um ano mau, espera-se que venha adiante um ano melhor. Daquela vez...

O novo ano entrou com um Inverno de quatro pedras na mão - ventanias, granizos, e chuva quase nenhuma. Germinaram e cresceram mal

os outonos e os homens olhavam, descontentes, as nuvens de mau cariz.

Contudo, Abril trouxe consigo a ilusão da Primavera. Um frémito de vida nova corria nas veias de toda a gente. Melhorava o tempo, caía a chuva, clareava o Sol. Os lavradores atalharam, estrumaram, lavraram, lançaram a semente à terra. Os milhos cresciam bonitos e ninguém se lembrava do Inverno de maus princípios nem do ciclone de meses atrás. Andavam todos contentes, certos de que aquele seria um ano farto, e em noites de luar cantavam e bailavam pelas encruzilhadas.

- Depois... - e o velho tirava da boceta uma pitada. - É bom o pó da nossa terra. Mas, estejam quinze dias sem chover, tudo se começa a ressentir. Daquela vez, deixou de chover no fim de Maio. Passou Junho sem que uma gota caísse. Definhavam-se os milhos, agoniavam-se as gentes. Apegaram-se ao Divino Espírito Santo - e passavam à noitinha, por esses caminhos por entre esses campos de milho, em procissões de preces e penitências, com a coroa do Divino Espírito Santo nas mãos. Veio Julho, entrou Agosto...

... E começara o Ano da Fome. Escasseava a comida. Água - entulhado pelo ciclone o poço de maré - só a do Paul, suja de mosquitos e de bosta de gado. Emagrecidas, ossos vincados por baixo da pele macilenta, andavam as pessoas por aí, de olhos febris e bocas esfomeadas - os velhos a tombarem de fraqueza, as crianças confrangedoramente definhadas nas suas caminhas flácidas. Mães, pais, avós - olhavam os seus meninos.

E à noitinha, as procissões de preces e penitências...

A princípio, matavam-se os animais para saciar a fome. Depois, começaram os animais a morrer - e os homens continuaram a enganar a fome com os restos dos animais que morriam. Apareceu então o andaço: dores de cabeça, febre altíssima, ventre inchado, diarreia esverdeada de mistura com sangue e com pus. Não havia médico.

- O senhor Padre das Flores é que tratava. Um santo! - dizia o Avô.

Porém, remédio algum curava aquele mal - e os doentes morriam. Dias houve de cinco e seis enterros...

À noite, ainda se cruzavam nesses caminhos as longas filas negras de

miseráveis farrapos humanos - nas mãos a coroa do Divino Espírito Santo, nos olhos a alucinação da dor, nas bocas um derradeiro grito a suplicar misericórdia!

- Quando no fim de Outubro o andaço amainou, nem uma só casa havia, nestas redondezas, onde a morte não tivesse entrado. Muitas, ficaram desertas, de lume apagado na pedra do lar. E por esses campos - nem um pé de milho! Nem um fio de erva com vida!

Teimavam os sobreviventes em aguentar o fôlego nos corpos - e começou a debandada. A bem dizer, só ficaram os velhos, os doentes, os inutilizados. Novos, sadios, válidos - todos se foram! Para a América, para o Brasil, e os menos arrojados ou mais pobres de sorte, para as outras ilhas do arquipélago. Por elas também andara o Ano da Fome. Contudo, qualquer terra onde os olhos não tivessem chorado tanta desgraça - tinha de ser melhor do que esta. Os pais, se não podiam ir, mandavam por aí fora, ao deus-dará, os filhos, até os mais pequeninos, para os não verem morrer de fome.

- Uma dor d' alma! - soluçava quase a voz do velho. - Eu, fiquei. Meus irmãos, quatro rapazes, meus avós, meu pai - todos tinham morrido. Deus só não se lembrou de nós os dois, minha mãe e eu. Nem parecia a mesma, a minha mãe. Envelhecera mais de cem anos naqueles poucos meses. E também ela me pediu que me fosse. Eu é que não podia ir sem a levar comigo. E ela que não, que já não contava, que tinha nascido nestas pedras negras e que não se podia arredar para longe da terra em que os nossos estavam enterrados. Não me dizia o coração que a deixasse. Fiquei. E eu e todos os que ficámos comemos raízes secas de jarro e de feito, carnes de ratos, gatos e cães - para não morrermos de fome.

Francisco Marroco lembra-se... O Avô, calado, olhando sem a ver a chama da candeia; os homens, braços cruzados e mãos entaladas na quentura dos sovacos, olhando, imóveis e de pálpebras caídas, a dança do fumo dos cigarros que fumavam; os rapazes e as raparigas pasmados para o borralho do lar; as crianças, a aconchegarem-se melhor nos colos das mães, que acariciavam, comovidas, as cabecinhas dos filhos.

Francisco Marroco tem até a impressão de que vê a mãe, e os olhos dela que o envolviam húmidos de ternura - e medo... E o pai - o cigarro no canto da boca e a viola apertada contra o peito...

Andava lá fora o Inverno a rugir - o vento... o mar... a chuva... Na cozinha, andavam as sombras a enroscar-se nas paredes negras.

Medo... Todos tinham medo...